

A FALANGE DOS ANÔNIMOS

a roda da vida



Irmandade dos Anônimos

***“O anonimato e o dever de atender a todos os que necessitam
são os dísticos da falange dos anônimos.”***

(falange dos anônimos)

“Somos todos um.”

(postulado da Lei Divina)

ESCLARECIMENTO SOBRE A FIGURA DA CAPA

Trata-se do símbolo da Casa da Vida.

Transcrevemos abaixo o que consta na Wikipedia:

“Casa da Vida ou Casa de Vida (em egípcio: Per Ankh) era o nome dado a instituição existente no Antigo Egito dedicada ao ensino no seu nível mais avançado, funcionando igualmente como biblioteca, arquivo e oficina de cópia de manuscritos. As Casas de Vida eram acessíveis apenas aos escribas e aos sacerdotes.

Não se conhecem muitos pormenores sobre esta instituição, mas sabe-se que está surgiu na época do Império Antigo. Teria como sede o palácio real, mas funcionaria numa parte do templo ou então no edifício situado dentro da área do templo. Provavelmente cada cidade de dimensão média teria a sua Casa de Vida, conhecendo-se a presença destas instituições em locais como Amarna, Edfu, Mênfis, Bubástis e Abidos. Em Amarna a Casa de Vida era constituída por duas salas principais e os seus anexos, como a casa do director da instituição.

Entre os ensinamentos ministrados nas Casas de Vida encontravam-se os de medicina, astronomia, matemática, doutrina religiosa e línguas estrangeiras. O conhecimento destas últimas tornou-se importante durante o Império Novo devido ao cosmopolitismo da era, marcada pelo domínio do Egito sobre uma vasta área que ia da Núbia até ao rio Eufrates.

Os escribas que trabalhavam nas Casas de Vida tomavam títulos como "Servidores de Rá" ou "Seguidores de Rá". Rá era o deus solar egípcio, aquele que dava a vida; assim, o título estava associado à ideia de que os escribas seriam eles próprios transmissores de vida. As Casas de Vida encontravam-se também associadas a Osíris, deus do renascimento. Acreditava-se que o acto de copiar

textos ajudaria o deus a renascer todos os anos no seu festival. Acredita-se também que a Casa da Vida era formada por magos. Os deuses do Egito antigo viviam no Duat um reino mágico. Os deuses do Egito antigos são : Anúbis - deus dos funerais e da morte Apófis - deus do Caos Babi - deus babuíno Bastet - deusa gata Bes - deus anão Geb - deus da terra Heket -deusa sapa Hórus - deus a guerra, filho de Ísis e Osíris Ísis - deusa da magia, esposa de seu irmão Osíris e mãe de Hórus Khepri - Deus escaravelho, aspecto de Rá ao amanhecer Khnum - deus com cabeça de carneiro, aspecto de Rá ao anoitecer no mundo inferior Khonsu - deus da lua Mekhit - deusa leoa secundária, casada com Onúris Nekhbet - deusa abutre Néftis - deusa do rio Nut - deusa do céu Osíris - deus do mundo inferior, marido de sua irmã Ísis e pai de Hórus Ptah - deus dos artesãos Rá - deus do sol, o deus da ordem, também conhecido como Amon-Rá Sekkmet - deusa leoa Set - deus do mal Shu - deus do vento Sobek - deus crocodilo Tawaret- deusa hipopótama Tot - deus do conhecimento, Mafdet - deusa da execução penal e da cura.”

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Casa_de_Vida)

A TRAJETÓRIA NA TERRA

Falamos aqui como um personagem individualizado, mas as referências podem ser interpretadas como pertinentes a qualquer um dos membros humanos da Irmandade dos Anônimos, pois não fazemos questão de nenhuma identificação ou vaidade quanto a nomes, títulos etc.

Iniciemos, então, nossa narrativa e nossas reflexões.

Caso os leitores desacreditem das poucas identificações de personagens, não há nenhum problema, pois o que nos interessa é que passem, se assim o quiserem, acreditar na sucessividade das encarnações e na recompensa destinada aos que vivem e atuam em função do Bem.

As revelações sobre encarnações passadas começaram a ocorrer na nossa vida há muitos anos atrás, sendo que tomamos ciência, por nós próprio, de uma encarnação como um menino aleijado e abandonado, que viveu poucos anos em um ponto qualquer do planeta.

Essa encarnação foi muito importante na nossa evolução espiritual, pois mostrou-nos muitas verdades que antes teimávamos em não reconhecer, dentre as quais o respeito que devemos às outras criaturas, pois devemos nos considerar todos como filhos e filhas do mesmo Pai Celestial, que a todos Ama igualmente, desde o ser mais primitivo, anterior ao átomo, até os espíritos Governadores de Universos.

A limitação física parece-nos que foi o resultado de suicídio praticado em época passada, lesionando as pernas e a coluna.

O abandono foi necessário para sentirmos a necessidade da solidariedade, que devemos exercitar uns em favor dos outros.

Em suma, se aquela não foi a encarnação mais importante, foi-o uma das mais, pelo seu conteúdo de aprendizado.

Muitos julgam importantes as vidas pelo destaque mundano que tiveram, quando, na verdade, tudo isso é

passageiro e cada um carrega apenas o que traz dentro de si como iluminação interior.

A História terráquea costuma endeusar criaturas e feitos espiritualmente medíocres ou mesmo maléficos, quando deveria valorizar as obras e criaturas espiritualizadas, como acontece em mundos superiores.

Continuando no relato sobre vidas passadas, temos a dizer que tivemos uma vidência na qual nos reconhecemos como padre inquisidor [1], sendo-nos informado que a referência era o ano de 1792.

Naquela época contraímos pesadas culpas, justamente por usar o poder de julgar de forma equivocada, prejudicando criaturas e pretendendo muito mais a satisfação dos interesses pessoais do que a fazendo a verdadeira Justiça, que é uma das mais nobres profissões, quando exercida com imparcialidade e humanidade.

Todavia, foi a partir de pouco mais de um ano atrás que veio-nos ao conhecimento uma encarnação, por volta de 1.600, quando integramos a classe da nobreza de um determinado país, sem nada aparentemente ter realizado de bom ou de mau.

Meu nome era François de Montferrand e fui filho daquela que ficou conhecida como santa Jeanne de Lestonnac [2], a qual era sobrinha de Michel de Montaigne [3].

Esse último ditou recentemente algumas obras por meu intermédio.

Os espíritos que não são muito evoluídos costumam perder-se na ociosidade ou até na maldade quando não contam com apoiadores e mestres.

Parece ter sido esse o nosso caso, porque, entregue às benesses dos privilégios mundanos, passou-se o tempo e pouco ou nada realizamos de proveitoso para nossa evolução e à das pessoas que necessitavam da nossa interferência benéfica.

Mas o que mais nos surpreendeu foi a ciência, através da nossa própria mediunidade, de que tivemos pelo menos uma encarnação no desaparecido continente de Mu [4], onde fomos

um domador de leões, sabendo-se que esse continente afundou no Oceano Pacífico há cerca de doze milênios atrás. Vimo-nos naquela época como um homem muito forte e primitivo.

O que nos veio à mente como esclarecimento foi que o abuso da força física provocou um carma negativo, debilitando-nos por várias encarnações, uma vez que, se voltássemos a ter o vigor físico anterior iríamos, na certa, abusar das outras criaturas.

Mas também pareceu-nos que a própria evolução espiritual foi-nos distanciando da necessidade de tanta energia puramente muscular, para concentrarmos nossos esforços nas realizações intelecto-morais.

Posteriormente, teríamos encarnado no Egito antigo, na figura do faraó Den [5], cujo mérito maior foi trabalhar intensivamente na Casa da Vida [6], a qual é uma instituição dedicada à espiritualização, proveniente de mundos mais adiantados que a Terra, sendo que a falange dos anônimos é uma das que trabalha neste planeta há milênios com esse objetivo, através da Casa da Vida, mas também coligada com outras falanges, num sistema planejado de atuação.

A respeito da Casa da Vida no seu sentido espiritual há dois livros intitulados “*As Casas da Vida do Egito Antigo e de Hoje*” e “*O Trabalho Espiritual das Casas da Vida*”, que podem ser baixados da Internet.

Muito há de desvirtuamento desse nome, pois que muitas obras e instituições existem sob essa denominação, mas que nada ou pouco têm a ver com aquelas obras realizadas no Egito antigo.

O mercantilismo tem tomado conta de muitas mentes e há pessoas que se esquecem de que a espiritualização é a meta mais importante que se deve mirar.

Foi-nos revelado igualmente que, depois houve uma encarnação entre os hititas [7] e fomos para Israel, na figura do militar Urias [8], que era amigo e companheiro de Davi [9].

Essa encarnação merece um comentário especial, pois há pessoas mal informadas que endeusam Urias, transformando-o em herói da honestidade e da lealdade e denigrem a honra de Davi e Betsabá [10].

Já lemos autores que literalmente apedrejam esses últimos, principalmente por não saberem ou não quererem saber o que ambos realizam de nobilitante, principalmente na área do que atualmente se denomina de autoajuda.

A Autoajuda [11] é uma das mais importantes contribuições que se pode imaginar, pois sempre foi grande o número de pessoas desalentadas, mas hoje em dia seu número é maior ainda, tendo muitas criaturas enveredado pelo uso das drogas e a depressão grassa por todos os continentes.

Veremos, através deste nosso estudo, que esses três espíritos estão ligados há milênios pelos mais santos laços da amizade e o incidente bíblico envolvendo suas vidas não prejudicou nem prejudicará a verdade, representada pelo trabalho em prol das criaturas da Terra, no qual eles se envolvem como membros da equipe dos anônimos.

Duas outras ocorreram na Babilônia [11], nos períodos de Hamurabi [12] e Nabucodonosor II [13], tendo sido sempre uma pessoa muito ligada a esses dois personagens, que são um único espírito, o qual é o mesmo que se apresentou na Terra como Davi e, mais tarde, como Ário [14].

Hamurabi foi um grande jurista e Nabucodonosor foi um iniciado, que grande contribuições deixou para as criaturas da Terra.

Quanto a Ário, tendo vivido na era cristã, procurou despertar as criaturas humanas do planeta para a realidade cósmica, mas acabou ficando conhecido da História terráquea como iniciador de uma heresia.

A História é assim mesmo: costuma julgar conforme os padrões mais mesquinhos e trata missionários como vilões.

Fazemos aqui uma pequena digressão para dizer aos leitores que nenhuma intenção temos de ganhar notoriedade às custas do passado nosso ou de quem quer que seja, pois os

mitos se fazem por conta e risco dos interessados em autopromover-se à custa de feitos seus ou de outrem ou então por ingenuidade, uma vez que o próprio Divino Governador da Terra, que é Jesus, recusou-se a ser mitificado quando disse ser apenas um professor e que apenas Deus merece o qualificativo de bom.

Devemos também dizer que há uma personalidade feminina presente nesta história, a quem daremos o nome simbólico de Drusa.

Para quem conhece os minerais fica mais fácil entender o que o referido nome quer significar, pois drusa é um aglomerado de vários cristais, formando um monobloco.

Nossa personagem, com o tempo e sua dedicação à sua missão, tornou-se uma drusa.

Vimo-la em Mu, na figura de uma mulher de notável beleza e que era uma sacerdotisa.

Por via mediúcnica recebemos um desenho em que ela é retratada e pode-se notar que mantém as mesmas características físicas até hoje.

É interessante verificar que cada espírito imprime nos corpos que lhe vão servindo de vestimenta temporária suas características psicológicas, inclinações, talentos e virtudes.

Se, algum dia, a Ciência da Terra chegar a estudar as características físicas de cada criatura em suas sucessivas encarnações verá o quanto há de verdade no que dizemos.

O estudo aprofundado dos genes mostrará isso claramente, pois cada um herda sobretudo de si mesmo.

Depois ela esteve presente no Egito antigo como nossa mãe, sob o nome de Mereneith [15], dedicada sobretudo às tarefas da Casa da Vida e, após sua morte, era invocada na figura da deusa Mafdet [16].

Sem querermos perder tempo com referências puramente materiais, devemos dizer que seu reinado e o do filho, como seu seguidor, foram de grande progresso, justamente porque visavam objetivos idealistas e não proveitos pessoais.

Aconteceram esses fatos na primeira dinastia, há cerca de cinco milênios atrás.

As marcas da Casa da Vida naquele período foram impactantes para sempre, mas devemos destacar a presença constante de criaturas benévolas como a filha de Mereneith, de igual nome, que continua ainda hoje no trabalho idealista, no setor da mediunidade.

Uma outra criatura deve ser lembrada, que era, como vivente na dimensão extrafísica, conhecida como a deusa Seshat [17].

Essa caracterização de criaturas como deuses deve ser esclarecida a fim de não haver más interpretações, pois eram considerados deuses todos aqueles que se destacavam no Bem ou no Mal.

Assim havia na antiguidade muitos deuses e deusas, os quais continuam, até hoje, influenciando as massas para o Bem ou para o Mal, de acordo com sua própria índole pessoal.

Mas os do Bem são muitas das atuais criaturas que vivem anônimas, realizando muito quantas vezes em localidades distantes, atormentadas por dificuldades de várias ordens e servindo a todos, sem perguntar quem são, como verdadeiros propagadores do Amor incondicional e universal.

Adiante no tempo, foi Amitis da Média [18], rainha da Babilônia, que realizava, com seu marido Nabucodonor II e outras pessoas, atividades iniciáticas e de cura com a utilização de elementos do mundo vegetal, assim justificando-se a existência dos famosos jardins suspensos da Babilônia, cuja finalidade maior era o cultivo de plantas de cura e de auxílio espiritual e não simplesmente finalidades estéticas, ao contrário do que muitos pensam.

Pouco a História registrou sobre essa missionária, porque, na verdade, quase tudo que realizou foi no setor da mediunidade e, portanto, naquela época de poucas luzes, de forma geralmente secreta.

Aparece depois como esposa de Davi, em Israel, continuando seu trabalho espiritual, que se desdobrou também na elaboração, com seu filho Salomão [19], dos famosos Provérbios [20].

Antes já dissemos alguma coisa sobre essa encarnação, mas é importante desfazer-se o clima de linchamento moral que alguns impuseram a essa personalidade, porque a verdade é que esse linchamento é induzido pelos dragões, espíritos que lideram falanges do Mal no Universo.

A eles interessam os linchamentos morais dos trabalhadores do Bem.

Viveu depois na França, na época da Revolução Francesa e foi uma das inúmeras pessoas guilhotinadas pelos revolucionários.

A quantidade de mortes de pessoas realmente do Bem, promovidas por muitos dos poderosos de todos os tempos é incalculável. Por isso, devemos sempre estar com um pé atrás quando se prega a violência e o poder sobre à cabeça.

Nessas oportunidades os espíritos dedicados ao Mal assumem o comando de muitas mentes e perseguem os trabalhadores da Luz, tentando impedi-los de propagá-la.

Houve notícia de outras vidas, sendo que, em uma delas, foi queimada pela fogueira da Inquisição como bruxa, ou seja, médium.

Sabe-se o quanto a Inquisição prejudicou o progresso da Europa e da América.

Infelizmente, muitos utilizaram o nome do Cristo para satisfazer seus interesses pessoais, sendo que os inquisidores foram alguns desses desviados do bom caminho.

Depois, viveu como índia três encarnações sucessivas, sendo duas nos Estados Unidos, das quais uma vez como hopi [21] e outra como navajo [22] e a última como xavante [23], no Brasil em que se chamou Tanai. Nessas encarnações atuou como pajé [24].

Alguém poderá estranhar o fato de um espírito praticamente tornar-se indígena, parecendo que isso

representaria um retrocesso, mas a verdade é que somente a Natureza se constitui na verdadeira Escola, enquanto que o mundo chamado civilizado distancia-se atualmente dela e aí está o verdadeiro retrocesso, caso as criaturas humanas não abram seus olhos em tempo.

A Natureza, como dissemos, é a verdadeira Escola: pensemos nisso e voltemos a viver segundo seus referenciais, coisa que, no passado, se valorizava muito mais do que hoje.

Esse distanciamento é que tem causado tantos problemas para a humanidade da Terra.

Este livro pretende mostrar basicamente o trabalho realizado por essas duas criaturas, porém, sem idolatria, sem supervalorização, sem egoísmo, sem orgulho e sem vaidade, sendo elas apenas mais duas dentre os componentes do vasto quadro de integrantes da referida falange dos anônimos.

Nessa falange incluem-se criaturas sub-humanas, identificadas como animais, vegetais e minerais pela Ciência materialista da Terra, bem como outras em fase de transição entre uns reinos e outros.

Por isso dizemos que essa falange é muito numerosa, uma vez que cada uma dessas criaturas é considerada como membro, não se computando apenas os humanos.

Os trabalhos de cura carecem de apoio nos quatro reinos da Natureza e somente se perfectibilizam com a utilização do ectoplasma deles todos.

Poderíamos relatar sobre as encarnações de outros membros do grupo, além dos já mencionados, mas seria uma inutilidade, pois não importam nomes ou fatos, mas sim a noção de que a Terra conta com trabalhadores de outros planetas, num intercâmbio muito bem planejado, esclarecendo-se que a falange dos anônimos aportou neste mundo na época em que afluía a civilização de Mu, com a finalidade de contribuir para o desenvolvimento espiritual terráqueo e essa falange deverá deixar proximamente o planeta rumo a novas atividades em outros pontos do Universo.

Não são espíritos puros os da fase humana, mas apenas criaturas de boa vontade, destacando-se alguns deles pela maior consolidação das virtudes, enquanto que a maioria dos membros prima pelas boas intenções, mas ainda luta com dificuldades para cumprir os próprios deveres, que Jesus chamou, para os habitantes da Terra, em outras palavras, de Amor incondicional e universal.

Iremos, então, convidar os leitores para viajarem conosco no tempo, que, na verdade, é muito relativo, sabendo-se que os milênios representam muito pouco, dependendo do ponto em que nos colocamos na sua análise.

O que importa é que esses espíritos, no caso dos personagens do livro, evoluem e auxiliam a evolução de outras criaturas humanas e sub-humanas da Terra.

Bom proveito para todos com esta leitura.

As referências que faremos aos personagens são aquelas dos historiadores, sempre aquém das verdades verdadeiras, as quais, na maioria das vezes, ficam escondidas dos olhos do público em geral.

Que o Divino Governador da Terra nos abençoe e a todos os habitantes da Terra.

NOTAS

[1] *“O termo Inquisição refere-se a várias instituições dedicadas à supressão da heresia no seio da Igreja Católica. A Inquisição foi criada inicialmente para combater o sincretismo entre alguns grupos religiosos, que praticavam a adoração de plantas e animais e utilizavam mancias. A Inquisição medieval, da qual derivam todas as demais, foi fundada, durante os séculos XII e XIII, para preservar a disciplina eclesiástica internamente . Mesmo assim durante esse período, em 1184, surge no Languedoc (sul da França) para combater a heresia dos cátaros ou albigenses. Em 1249, implantou-se também no reino de Aragão, como a primeira Inquisição estatal e, já na Idade Moderna, com a união de Aragão e Castela, transformou-se na Inquisição espanhola (1478 - 1834), sob controle direto da monarquia hispânica, estendendo posteriormente sua atuação à América. A Inquisição portuguesa, foi criada em 1536 e existiu até 1821. A Inquisição romana ou "Congregação da Sacra, Romana e Universal Inquisição do Santo Ofício" existiu entre 1542 e 1965.*

O condenado era muitas vezes responsabilizado por uma "crise da fé", pestes, terremotos, doenças e miséria social,³ sendo entregue às autoridades do Estado, para que fosse punido. As penas variavam desde confisco de bens e perda de liberdade, até a pena de morte, muitas vezes na fogueira, método que se tornou famoso, embora existissem outras formas de aplicar a pena. No entanto, os castigos aplicados pela instituição, por exemplo, eram reproduções das punições já e também instituídas pelo poder temporal, que, em geral, se encarregava de condenar e queimar os hereges, as feiticeiras ou os sodomitas .

Os tribunais da Inquisição não eram permanentes, sendo instalados quando surgia algum caso de heresia e eram depois desfeitos. Posteriormente tribunais religiosos e outros métodos judiciais de combate à heresia seriam utilizados pelas igrejas protestantes (como por exemplo, na Alemanha e Inglaterra). Embora nos países de maioria protestante também tenha havido perseguições - neste caso contra católicos, contra reformadores radicais, como os anabatistas, e contra supostos praticantes de bruxaria, os tribunais se constituíam no marco do poder real ou local, geralmente ad-hoc, e não como uma instituição específica.

O delator que apontava o "herege" para a comunidade, muitas vezes garantia sua fé e status perante a sociedade.⁶ A caça às bruxas não foi perpetrada pela Inquisição, mas sim por Estados e tribunais civis independentes, sem reais ligações com a Inquisição".

Ao contrário do que é comum pensar, o tribunal do Santo Ofício era uma entidade jurídica e não tinha forma de executar as penas. O resultado da inquisição feita a um réu era entregue ao poder secular ou nem sequer seguia para lá. Numa sociedade na qual imperava a fé, é de supor que os poderes civis se apropriassem, na tentativa de combater a desordem social ou os inimigos públicos, das prerrogativas religiosas.

O recurso da tortura, muito comum nos tribunais seculares, não foi uma constante na Inquisição: a instituição recorreu muito raramente a esse procedimento. Ao todo, menos de 10% dos julgamentos envolveu a agonia física dos acusados. Com a imposição de uma regra que proibia os eclesiásticos de derramar qualquer gota de sangue dos réus, várias das confissões obtidas sob tortura perderam sua validade .

No século XIX, os tribunais da Inquisição foram suprimidos pelos estados europeus, mas foram mantidos pelo Estado Pontifício. Em 1908, sob o Papa Pio X, a instituição foi renomeada "Sacra Congregação do Santo Ofício". Em 1965, por ocasião do Concílio Vaticano II, durante o pontificado de Paulo VI e em clima de grandes transformações na Igreja após o papado de João XXIII, assumiu seu nome atual - "Congregação para a doutrina da Fé".

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Inquisi%C3%A7%C3%A3o>)

[2] *“Nasceu num período em que a Igreja Católica vivia grandes conflitos. Seu pai, Richard de Lestonnac, um católico fervoroso e membro do Parlamento de Bordéus, era conselheiro do rei da França; sua mãe, Jeanne Eyquem, de confissão calvinista, era irmã do filósofo humanista Michel de Montaigne (1533-1592). Casou-se em 1572 com Gaston de Montferrand, com o qual conviveu até 1602 e teve sete filhos. Quando viúva, após perder dois de seus filhos, Joana de Lestonnac entrou para o mosteiro cisterciense em Toulouse, mas, por problemas de saúde, não pôde continuar na vida monástica. Voltou para Bordéus e, mais tarde, fundou a Companhia de Maria com o objetivo de avançar o catolicismo através do ensino.*

Em 19 de setembro de 1834 Joana de Lestonnac foi declarada venerável.”

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Joana_de_Lestonnac)

[3] *“Michel Eyquem de Montaigne (Saint-Michel-de-Montaigne, 28 de fevereiro de 1533 — Saint-Michel-de-Montaigne, 13 de setembro de 1592) foi um político, filósofo, pedagogo, escritor e cético francês, considerado como o inventor do ensaio pessoal. Nas suas*

obras e, mais especificamente nos seus "Ensaio", analisou as instituições, as opiniões e os costumes, debruçando-se sobre os dogmas da sua época e tomando a generalidade da humanidade como objecto de estudo. É considerado um céptico e humanista.

Ele criticou a educação livresca e mnemônica, propondo um ensino voltado para a experiência e para a acção. Acreditava que a educação livresca exigiria muito tempo e esforço, o que afastaria os jovens dos assuntos mais urgentes da vida. Para ele, a educação deveria formar indivíduos aptos ao julgamento, ao discernimento moral e à vida prática.”

[4] “Lemúria é o nome de um suposto continente perdido, localizado no Oceano Índico ou no Oceano Pacífico. A ideia teve origem no século XIX, pela teoria geológica do Catastrofismo, mas desde então tem vindo a ser adotada por escritores do Oculto, assim como pelo povo Tâmil, da Índia. Relatos sobre a Lemúria diferem quanto à maioria dos pormenores. No entanto, todos partilham a crença comum de que o continente existiu na pré-história mas afundou no oceano devido a alterações geológicas. A maioria dos cientistas considera hoje continentes submergidos uma impossibilidade física, dado a teoria da Isostasia. No entanto a variação do nível médio dos mares ao longo das sucessivas idades do gelo tem inundado e exposto porções de terreno mais ou menos extensos. Estas variações das áreas expostas/inundadas poderão eventualmente ter perdurado na memória coletiva dos povos pela sabedoria acumulada ao longo de várias gerações.”

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Lem%C3%BAria>)

[5] “Den ou Udimu foi um rei da I dinastia egípcia, habitualmente considerado como quarto soberano desta

dinastia. Teria reinado cerca de 14 ou 20 anos, no século XXIX a. C.

Filho de Djet, assumiu o trono ainda criança, tendo a regência sido assumida por sua mãe Merneith.”

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Den>)

[6] *“Medicina*

A utilização de fórmulas mágicas ligadas às divindades em numerosos remédios leva a pensar que a organização teológica desempenhava um papel no mundo da Medicina egípcia.

Os sanatórios:

Presume-se que numerosos templos possuíam sanatórios, instalações destinadas ao tratamento de pessoas doentes. Todavia, somente as instalações do templo de Dendera permanecem conservados em bom estado. O sanatório do templo de Dendera estava organizado em um salão central no qual os sacerdotes derramavam água sobre fórmulas mágicas (água destinada a ser bebida pelos doentes) e câmaras anexas onde os doentes aguardavam a boa graça da divindade em questão, aqui, Hathor.

Os sanatórios eram construídos próximos de templos de divindades conhecidas por seu poder curador (Hathor era conhecido por sua grande benevolência), a Medicina dos sanatórios é, portanto, sobretudo, passiva.

No templo de Hatshepsout, em Deir el-Bahari, o terraço foi utilizado, na época ptolomaica, para receber as boas graças de Imhotep, divinizado na época. A lenda conta que uma voz ditava os remédios a serem empregados a cada paciente.

O relevo dos instrumentos cirúrgicos do templo de Kom Ombo (que não julgamos necessário retratar nesta transcrição) levam a pensar que os templos, e, portanto, os sanatórios, exerciam trabalhos cirúrgicos, pelo menos na época ptolomaica. Os “sonhos terapêuticos” faziam igualmente parte integrante dos remédios empregados,

uma vez que possibilitavam, na tradição, de indagar diretamente os deuses sobre os remédios a utilizar.

Aprendizado na Casa da Vida:

A Casa da Vida (ou “per ankh”) era uma instituição típica dos templos do Egito antigo. Segundo Bruno Halioua, a passagem pela Casa da Vida fazia parte dos “estudos de Medicina”. Com efeito, parece que esses lugares conservavam numerosos papiros muito antigos nos quais as noções de Medicina poderiam ser abordadas. Determinados textos fazem pensar que as Casas da Vida representavam um verdadeiro departamento médico onde os novos médicos podiam aprender, junto aos doentes, a prática sanitária. Esse departamento continha também uma farmácia onde se preparavam os remédios, se podemos interpretar assim com base na citação: “guardiã da mirra da Casa da Vida” registrada em um papiro.

Os especialistas se perguntam também sobre a existência de um aprendizado clínico na Casa da Vida. Uma coisa é certa: a cópia de documentos nessa instituição evidentemente permitiu a conservação de uma cultura médica multimilenária nos templos.

Sacerdotes-médicos:

A associação da Medicina com a Religião vem desde o começo da civilização egípcia. Para eles, a doença era obra de um demônio, que deveria ser combatido por meio de fórmulas mágicas. A melhor maneira de combatê-los era pedir o socorro de um deus, ou vários, o que explica essa dupla função de sacerdote e médico. Os médicos eram subordinados aos sacerdotes de Sekhmet ou de Selket (ou Selkis). Com efeito, segundo a tradição, era Sekhmet que espalhava as doenças no mundo... mas que sabia igualmente curá-las. Os sacerdotes de Selket tinham que passar pelo animal de poder dela: um escorpião, representação do mal que era necessário destruir. Os sacerdotes de Sekhmet estavam preparados para atuar também como veterinários.

Existiram igualmente sacerdotes-médicos, sacerdotes esses que, além de outras tarefas a serviço de um deus, estudavam a Medicina. É o caso de Qâr, sacerdote-médico do Antigo Império, cuja tumba foi recentemente descoberta em Saqqarah. Essa tumba continha numerosos instrumentos cirúrgicos e também numerosas estátuas de divindades... ligadas à Medicina, como Imhotep (considerado o criador da Medicina) Hathor, Osíris e também Sekhmet.

Todas essas informações colocam em evidência o papel importante do templo na Medicina egípcia, além da sua implicação econômica.”

(<http://temple.egyptien.egyptos.net/infos/medecine.php>)

[7] “Os hititas eram um povo indo-europeu que, no II milênio a.C., fundou um poderoso império na Anatólia central (atual Turquia), cuja queda data dos séculos XIII-XII a.C. Em sua extensão máxima, o Império Hitita compreendia a Anatólia, o norte e o oeste da Mesopotâmia até à Palestina.”

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hititas>)

[8] “Urias, o hitita ou heteu (Em hebraico: יתחיה הירוא) foi um soldado do exército do Rei Davi citado no Velho Testamento. Foi marido de Betsabá e morreu depois que o Rei Davi ordenou a seus soldados que recuassem, deixando Urias sozinho na linha de frente de uma batalha contra os amonitas. A esposa de Urias ficara grávida do Rei Davi, num caso de adultério.

Ao saber da gravidez, Davi ordenou a Urias que retornasse ao lar depois de muito tempo longe e às vésperas de uma grande batalha. Devido a seu código de honra, Urias recusou-se a ir ao encontro de Betsabá pois acreditava que os soldados deveriam se abster de sexo antes da luta. Davi queria esconder o adultério da mulher forçando o reencontro com o marido, mas a recusa de

Urias o levou a ordenar morte dele na batalha, logo em seguida.

Após a morte de Urias, Davi foi confrontado pelo profeta Natã que lhe avisou sobre a ira de Deus. A discórdia entrou para a família de Davi e tribulações acometeram o Reino de Israel. O primeiro filho de Davi com Betsabá morreu por juízo divino, e o príncipe Absalão, um dos filhos de Davi com uma de suas outras esposas, se rebelou contra o pai. Todos esses acontecimentos foram explicados como punição divina pelo adultério e o assassinato de Urias.”

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Urias>)

[9] “David ou Davi (em hebraico: דָּוִד, literalmente "querido", "amado"; no hebraico moderno Dávid, no hebraico tiberiano Dāwīḏ; em árabe: داود) é reconhecido como o maior rei de Israel, descrito na Bíblia como tendo muitos "dons, como o da música, da poesia e dos salmos".

O arqueólogo americano Edwin Thiele estabeleceu sua data de nascimento por volta de 1040 a.C., e sua morte em 970 a.C., tendo reinado sobre Judá de 1010 a 1003 a.C., e sobre o reino unificado de Israel de 1003 a 970 a.C. No entanto, os livros bíblicos de Samuel, I Reis e I Crônicas são a única fonte de informação disponível de relatos sobre sua vida e seu reinado, embora a estela de Tel Dan registre a existência, em meados do século IX a.C., de uma dinastia real judaica chamada "a Casa de David".

A vida de David é particularmente relevante para a cultura judaica, cristã e islâmica. No judaísmo, David, ou Melekh David ("Rei Davi"), é o Rei de Israel e do povo judaico; um descendente direto seu será o Mashiach, o Messias judaico. No cristianismo David é mencionado

como um ancestral do pai adotivo de Jesus, José, e no islamismo é conhecido como Daud, um profeta e rei de uma nação. Filho de Jessé, da tribo de Judá, teria nascido na cidade de Belém e se destacou na luta dos israelitas contra os filisteus. Tornou-se rei, sucedendo a Saul e conquistou Jerusalém, tornando-a a capital do Reino Unido de Israel.

Seu nome é citado 1.139 vezes na Bíblia.”

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/David>)

[10] *“Betsabá, Betsabé (português brasileiro) ou Bate-Seba (português europeu) (em hebraico: **בַּת שֶׁבַע**, Batsheva) foi, de acordo com a narrativa bíblica, uma das esposas do rei Davi. Era filha de Eliã ou Amiel, e esposa de Urias, o guerreiro heteu a serviço do rei hebreu. Seu nome significa literalmente «filha de set'anos», porém pode ser também traduzido como «filha do ajuste».*

Enquanto os soldados lutavam contra os amonitas, Davi ficou impressionado com a beleza de Bate-Seba ao vê-la banhar-se e a seduziu. Obteve sucesso na sua sedução, o que geralmente sucedia aos reis na sociedades primitivas, embora o seu ato fosse considerado uma transgressão perante a lei mosaica e um pecado segundo os olhos de Jeová (ou Javé), o Deus de Israel.

Para tentar encobrir sua transgressão, Davi chegou a cometer outro pecado, expondo Urias à morte em uma batalha, reduzindo suas chances de sobreviver (II Samuel 11). Bate-Seba estava grávida de Davi e, após a morte de seu marido Urias, ela tornou-se uma de suas esposas.

Devido ao fato, Davi foi repreendido por Deus através do profeta Natã, reconheceu seu pecado (II Samuel 12:13), e pediu perdão a Deus (salmo 51). No entanto, o menino que nasceu dessa gravidez adulterina morreu por juízo divino (II Samuel 12:15-18), o que deixou Davi

profundamente abatido, porém em grande estado de adoração ao Deus Eterno, pela sua justiça.

No entanto, Davi teve com Bate-Seba mais quatro filhos, incluindo Salomão, que sucedeu ao trono de Israel (I Crônicas 3:5) e cumpriu a promessa de construir um templo para Deus.

Quando Davi estava quase morrendo, Adonias reivindicou para si a sucessão ao trono de Israel, mas Bate-Seba e o profeta Natã convenceram Davi a instalar Salomão como rei (I Reis 1:5-40).

No hebraico, o seu nome significa "filha do juramento", ou então "sétima filha". Em I Crônicas 3:5, ela é chamada Bate-Sua.

Nos escritos rabínicos Bate-Seba é descrita como mulher dotada de mente brilhante e de beleza física incomum. Acreditavam que parte da sabedoria de Salomão teria sido herdada de sua mãe.”

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Bate-Seba>)

[11] “O termo autoajuda pode ser referir a qualquer caso onde um indivíduo ou um grupo (como um grupo de apoio) procura se aprimorar econômica, espiritual, intelectual ou emocionalmente. O termo costuma ser aplicado como uma panaceia em educação, negócios e psicologia, propagandeada através do lucrativo ramo editorial de livros sobre o assunto.

Antes que um movimento social em qualquer grupo cultural atinja dimensões consideráveis, tradição, experiência e reconhecimento, ele se submete a fase de autoajuda do desenvolvimento como grupo. Quando qualquer grupo social alcança um certo número de adeptos (cerca de 80 membros), o padrão com humanos adultos parece ser o de haver o desenvolvimento de uma

"facção" de autoajuda que pode, eventualmente, se desagregar (ou separar-se) do grupo original. Grandes grupos que competem frequentemente, podem tentar repudiar ou minimizar o grupo que se separou, descrevendo-o como grupo de "auto ajuda" já que a sua experiência supostamente não é tão significativa nem verdadeira como a do grupo mais antigo.

O conceito de autoajuda também encontrou um lugar em gêneros mais expansivos. Para muitas pessoas, a autoajuda passou a ser uma maneira de reduzir custos, especialmente em questões legais, com serviços de autoajuda disponíveis para auxílio nas causas rotineiras, desde processos domésticos até ações sobre direitos autorais. No mercado, as tendências relacionadas à autoajuda resultaram, nos últimos anos, nos sistemas de pagamentos automatizados. Bombas de gasolina de "autoajuda" (self-service ou autosserviço, como é conhecido esse sistema no Brasil) substituíram as bombas que necessitavam de um funcionário nos EUA, durante os últimos anos do século XX.

Os diversos gêneros em que os conceitos de autoajuda são aplicados, são trazidos juntamente com a expansão de tecnologias que dão aos indivíduos condições de conduzir atividades tanto triviais quanto as mais profundas em complexidade. A publicação de livros de autoajuda surgiu da descentralização da ideologia, do crescimento da indústria editorial usando novas e melhores tecnologias de impressão e no auge do crescimento, com as novas ciências psicológicas sendo difundidas. Igualmente, serviços de autoajuda legal cresceram em torno da expansão do acesso às tecnologias de proteção de documentos. A Internet, e a sempre-crescente seleção de serviços comerciais e de informação que ela oferece, é um exemplo do movimento em torno da autoajuda em grande escala. Essa integração produziu um novo tipo de

instrumentos, como livros com um código único impresso em cada cópia para garantir que o leitor possa realizar um teste "on-line" que quantifique onde as suas habilidades se comparam nos conceitos ditados pelo livro.”

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Autoajuda>)

[12] *“Hamurabi, Hamurabi, Hammurabi (também são usadas as transcrições Hammu-rapi ou Khammurabi) (ca. 1810 a.C. — 1750 a.C.), foi o sexto rei da primeira dinastia babilônica. Conseguiu, durante o seu reinado, conquistar a Suméria e Acádia, tornando-se o primeiro rei do Império Paleobabilônico. Hamurabi reinou de 1792 a.C. até sua morte, em 1750 a.C., tendo ampliado a hegemonia da Babilônia por quase toda a Mesopotâmia, iniciando pela dominação do sul, tomando Ur e Isin do rei de Larsa no início de seu reinado. Em 1762 a.C. conquistou Larsa, em 1758 a.C. tomou Mari, em 1755 a.C. Eshnunna e provavelmente em 1754 a.C. conquistou Assur.*

Hammurabi ocupou-se pessoalmente da administração de seu império, chegando a coordenar a construção de numerosos edifícios públicos, canais de irrigação e açudes. Foi o primeiro grande organizador que consolidou o seu império sobre normas regulares de administração. Tornou-se famoso por ter mandado compilar o mais antigo código de leis escritas, conhecido como Código de Hamurabi no qual consolidou uma legislação pré-existente, transcrevendo-a numa estela de diorito em três alfabetos distintos. A estela do Código de Hamurabi foi encontrada em Susa em 1901. Nela, além da coleção de cerca de 282 artigos (mais apropriadamente casos de jurisprudência), pode-se ver a imagem de Hamurabi em frente ao trono do deus Shamash. Atualmente o monumento se encontra no Museu do

Louvre, em Paris, na sala 3 do Departamento de Antiguidades Orientais.”

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hamurabi>)

[13] Nabucodonosor II, Nebucadrezar ou Nebucadnezar (na ortografia babilônia Nabu - kudur - uzur, Nebo, proteja a coroa! ou Nebo, proteja as fronteiras!) foi o filho e sucessor de Nabopolassar, rei da Babilônia que libertou o reino da Assíria e destruiu Nínive.

Em uma inscrição, ele se chamava de o favorito de Nebo. Foi o mais poderoso rei da Babilônia.

Ele se casou com uma filha de Ciáxares, unificando as dinastias da Babilônia e da Media.

Após Neco II, faraó do Egito, haver derrotado os Assírios em Carquêmis, as províncias da Síria que estavam sob controle dos assírios passaram ao controle egípcio, enquanto que as demais províncias assírias foram divididas entre os medos e os babilônios; Nabopolassar, porém, pretendia conquistar a Síria, e lutou contra Neco, em Carquêmis, derrotou os egípcios, e conquistou a Síria e a Israel.

Nabucodonosor também conquistou a Palestina, tomou Jerusalém, e levou cativos para a Babilônia vários judeus, inclusive o profeta Daniel. Em 598 a.C., após a revolta de Joaquim de Judá, que tinha o apoio do faraó Neco, Nabucodonosor o derrota. Nabucodonosor derrota os judeus uma terceira vez, e leva cativo o rei Jeconias de Judá em 597 a.C. Na última revolta, de Zedequias, Nabucodonosor arrasa Jerusalém (586 a.C.), fura os olhos de Zedequias e o deixa prisioneiro por toda a vida.

Nabucodonosor também lutou, no trigésimo ano de seu reinado, contra Amósis II, faraó do Egito.

Ele reconstruiu e adornou a Babilônia com canais, aquedutos e reservatórios. De acordo com o Easton's Bible Dictionary, 9/10 dos tijolos das ruínas da Babilônia, e 19/20 das demais ruínas, contém o nome de Nabucodonosor inscrito nelas. Ele provavelmente construiu ou reformou toda cidade ou templo no seu país.

Ele reinou sobre o maior reino jamais visto na Terra, e tinha o título de "reis dos reis".

No final de sua vida, após haver punido os judeus, jogando-os na fornalha ardente, Nabucodonosor sofreu de uma doença mental, com sintomas parecidos com a licanthropia. Ele sobreviveu à loucura, e morreu em c. 562 a.C., aos oitenta e três ou oitenta e quatro anos de idade, após haver reinado por quarenta e três anos, e foi sucedido por seu filho Evil-Merodaque.

Seus sucessores tiveram reinados breves. Evil-Merodaque reinou por dois anos, foi sucedido por Neriglissar (559 - 555), este por Nabonido (555 - 538) em cujo reinado a Babilônia foi conquistada por Ciro, o Grande.

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Nabucodonosor_II)

[14] *“Ário ou Arius (n. 256 - f. 336) foi o fundador da doutrina cristã do arianismo. Foi um presbítero cristão de Alexandria pelo que também é conhecido por Arius de Alexandria.*

Ário defendia a seguinte doutrina da Cristologia:

- *Que o Logos e o Pai não eram da mesma essência (Ver: Trindade)*
- *Que o Filho era uma criação do Pai*
- *Que houve um tempo em que o Filho (ainda) não existia*
- *Ário foi aluno de Luciano de Antioquia, um celebrado professor do cristianismo e um mártir da sua fé. Numa*

carta ao Bispo Alexandre de Constantinopla, Alexandre, Patriarca de Alexandria escreveu que Ário derivou a sua heresia de Luciano.

- *Apesar do carácter de Ário ter sido severamente assaltado pelos seus opositores, Ário parece ter sido um homem de um carácter ascético, de moral pura, e de convicções.*
- *Em 318 houve uma discussão entre o Bispo Alexandre de Alexandria e Ário, porque este último acusava Alexandre de Sabelianismo. Num Concílio que Alexandre convocou de seguida, Ário foi condenado.*
- *Ário tinha no entanto numerosos apoiantes e a disputa espalhou-se desde Alexandria por todo o Oriente. Ao mesmo tempo, Ário encontrou refúgio e o apoio de Eusébio de Cesareia.*
- *Para restabelecer a união entre os cristãos, o Imperador Constantino I convocou o Primeiro Concílio de Niceia em 325, onde a doutrina de Ário acabou por ser condenada como herética.*
- *Ário foi expulso, tendo no entanto a sua banicção sido anulada pela influência do Bispo Eusébio de Nicomédia em 328, o mesmo ano em que Atanásio se tornou Bispo de Alexandria.*
- *Em 335 Ário seria reabilitado. Ele apresentou uma declaração de fé que foi aceita pelo Imperador que determinou sua readmissão. Ao contrário de Tertuliano, Ário morreu com o status de readmitido ao seio da Igreja. Antes, porém, de poder receber a comunhão em Constantinopla, morreu subitamente.*
- *De acordo com o relatório de Sócrates Scholasticus (História da Igreja, I, XXXVIII), o Metropolita Alexandre de Constantinopla (314-337), pediu, em conflito de consciência que a ordem do imperador lhe causara, que*

matassem Ário ou a ele antes que a comunhão tivesse lugar.

- *Alguns povos seguiram a doutrina de Ário até o século VII. Com a conversão de Chlodwig à fé romana de Atanásio, por motivos de ordem estratégica, deixaram de ser arianos. A problemática da Trindade permanece em aberto até hoje.*
- *Para um estudo mais amplo e aprofundado relativo à controvérsia entre cristãos e arianistas cf. SPINELLI, Miguel. que (no Helenização e Recriação de Sentidos. A Filosofia na Época da Expansão do Cristianismo - Séculos II, III e IV. Porto Alegre: Edipucrs, 2002) dedicou três capítulos ao estudo do Arianismo: "A controvérsia de Basílio com Eunomos, o teórico do arianismo"; "O envolvimento de Eunomos com a teoria aristotélica da substância ou dos universais"; e "O contraposto de Basílio a Eunomos e a tematização do nominalismo" (pp. 237 a 292)."*

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81rio>)

[15] *Merneith (Meritnit, Meryet-Nit or Meryt-Neith) was a consort and a regent of Ancient Egypt during the first dynasty. She may have been a ruler of Egypt in her own right, based on several official records – if this was the case, she would be the first female pharaoh and the earliest queen regnant in recorded history. Her rule occurred the thirtieth century B.C., for an undetermined period. Merneith's name means "Beloved by Neith" and her stela contains symbols of that deity. She may have been Djer's daughter, and was probably Djet's senior royal wife. She was the mother of Den, her successor.*

(<http://en.wikipedia.org/wiki/Merneith>)

[16] *“Nos primórdios da mitologia egípcia Mafdet era uma deusa associada à justiça e ao poder real. O seu nome significa provavelmente "a corredora"’.*

Era representada como um animal que ainda não foi possível identificar, sendo talvez uma pantera, um gato almiscarado (civeta ou mangusto) subindo por um bastão onde havia uma lâmina amarrada por uma corda.

É provável que esta tenha sido a arma usada para decapitação nos primórdios. Em cenas do Novo Império ela é vista como o carrasco das criaturas malignas.

Este instrumento era usado na aplicação da justiça, estando assim Mafdet ligada ao aspecto punitivo da justiça.

Mafdet era a deusa da justiça legal ou possivelmente da execução, mas também era associada à proteção dos aposentos do rei e de outros locais sagrados, e ainda com a proteção contra animais venenosos, que eram vistos como transgressores da lei de Ma’at.

É uma deusa bastante antiga, que já era adorada no tempo da I Dinastia (Época Tinita).

Nos Textos das Pirâmides (meados do III milénio a.C.), assassina com as suas garras a serpente Apofis. Acreditava-se que a deusa combatia os escorpiões e as serpentes com as suas garras afiadas.

Para além deste aspecto feroz, Mafdet tinha igualmente um lado benéfico, sendo invocada para afastar as picadas dos escorpiões e das serpentes. Era por isso chamada de "Senhora da Casa da Vida", uma referência ao local onde se curavam os doentes no Antigo Egipto. A deusa era também encarada como protectora do faraó.

Essa deusa foi muito importante durante o reinado do faraó Den, da primeira dinastia, sua figura aparece em

fragmentos de vasos de pedra da tumba deste faraó e é mencionada numa introdução dedicatória na Pedra de Palermo.

Ela também é mencionada nos Textos das Pirâmides do Antigo Império como protetora do deus sol Ra, contra cobras venenosas.”

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mafdet>)

[17] *“Sechat ou Seshat era uma deusa da mitologia egípcia originária da região do Delta do Nilo associada à escrita, à astronomia, à arquitectura e à matemática. O seu nome significa "a que escreve". Recebia também os títulos de "Senhora dos Livros" ou "Senhora dos Construtores”. ”*

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sechat>)

[18] *“Amitis foi uma princesa da Media, e foi a esposa do rei da Babilônia Nabucodonosor II para quem ele construiu os Jardins da Babilônia.*

Segundo a versão da história atribuída a Alexandre, o Polímata por Eusébio de Cesareia, Sardanapalo, rei dos caldeus, pediu a filha de Azhdahak (Astiages), Amuhean (Amitis) em casamento a seu filho, o futuro rei Nabucodonosor II.

A versão de Abideno é um pouco diferente. Busalossorus, general a serviço do rei da Assíria, foi enviado para a Babilônia, para trazer forças e combater uma invasão pelo mar, porém plotou traição, e casou Amuhean, filha de Azhdahak, patriarca dos Medos, com seu filho, Nebuchadnezzar. Em seguida, ele atacou a capital assíria, Nínive; Saracus, rei da Assíria, incendiou o próprio palácio e morreu. Nebuchadnezzar tomou o reino e construiu uma muralha em Babilônia.

De acordo com Beroso, Nebuchadnezzar construiu os Jardins Suspensos da Babilônia por causa de sua esposa, que tinha saudades das altas montanhas da Media, onde ela havia crescido.

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Amitis_da_M%C3%A9dia)

[19] *“Salomão é um personagem da Bíblia (mencionado, sobretudo, no Livro dos Reis), filho de David com Bate-Seba, que teria se tornado o terceiro rei de Israel, governando durante cerca de quarenta anos (segundo algumas cronologias bíblicas, de 1009 a 922 a.C.).*

O nome Salomão ou Shlomô (em hebraico:שלמה), deriva da palavra Shalom, que significa "paz" e tem o significado de "Pacífico". Também chamado de Jedidias (em árabe سليمان Sulayman) pelo profeta Natã, nome que em hebraico significa "Amado de Jeová". (II Samuel 12:24, 25)

Foi quem, segundo a Bíblia (em Reis e em Crônicas), ordenou a construção do Templo de Jerusalém, no seu 4.º ano, também conhecido como o Templo de Salomão. Depois disso, mandou construir um novo Palácio Real para o Sumo Sacerdote, o Palácio da Filha de Faraó, a Casa de Cedro do Líbano e o Pórtico das Colunas. A descrição do seu Trono era exemplar único em seus dias. Mandou construir fortes muralhas na cidade de Jerusalém, bem como diversas cidades fortificadas e torres de vigia.

Salomão se notabilizou pela sua grande sabedoria, prosperidade e riquezas abundantes, bem como um longo reinado sem guerras. Foi após a sua morte, que ocorre o previsto cisma nas Tribos de Israel, originando o Reino de Judá (formado pelas 2 Tribos), ao Sul, e o Reino de Israel Setentrional (formado pelas 10 Tribos), ao Norte.

Riquezas de Salomão

"O peso do ouro que se trazia a Salomão cada ano era de seiscentos e sessenta e seis talentos de ouro"¹ (equivalente a cerca de 10 toneladas de ouro) de tributos, além das outras fontes que não eram o próprio povo. "Todas as taças de que se servia o rei Salomão eram de ouro,[...]não havia nelas prata, porque nos dias de Salomão não se dava a ela estimação nenhuma" , ou seja, a riqueza em ouro do rei era tamanha que não precisava demonstrar sua riqueza em prata. Uma hipérbole bíblica: "Fez o rei que, em Jerusalém, houvesse prata como pedras e cedros (madeira nobre) em abundância como os sicômoros (espécie de árvore comum na região) que estão nas planícies."

"O rei tinha no mar uma frota de Társis, com as naus de Hirão; de três em três anos, voltava a frota de Társis, trazendo ouro, prata, marfim, bugios e pavões. Assim, o rei Salomão excedeu a todos os reis do mundo, tanto em riqueza como em sabedoria. Todo o mundo procurava ir ter com ele para ouvir a sabedoria que Deus lhe pusera no coração. Cada um trazia o seu presente: objetos de prata e de ouro, roupas, armaduras, especiarias, cavalos e mulas, assim, ano após ano."

O rei Salomão realizou uma expedição a Ofir, terra cuja localização é imprecisa. "Dentre as sugestões apresentadas estão o oeste da Arábia, o Cabo Horn, na África, a Índia e até mesmo o Peru." Nesta expedição ele contou com o apoio de seu amigo, o rei de Tiro, Hirão, que enviou-lhe marinheiros experientes. A descrição da expedição é "Chegaram a Ofir e tomaram de lá quatrocentos e vinte talentos de ouro (equivalente a cerca de 16 toneladas de ouro), que trouxeram ao rei Salomão".

Templo de Salomão

Salomão ordenou a construção do primeiro Templo de Jerusalém, o qual começou a ser construído no quarto ano de seu governo, no segundo mês do ano 480 depois da saída de Israel do Egito. Foram necessários 30.000 trabalhadores para serrar a madeira no Líbano, 70.000 para o transporte das cargas e 80.000 que talhavam as pedras nas montanhas, além de 3.300 chefes-oficiais.

O Templo media sessenta côvados de comprimento, vinte de largura e trinta de altura. Era todo revestido em seu interior por cedro, madeira nobre, e nenhuma pedra se via; o chão era de tábuas de cipreste, também madeira nobre; posteriormente cobriu-se todo o interior do templo de ouro puro. O Santo dos Santos, câmara mais especial, que guardava a Arca da Aliança, era revestido totalmente de ouro, e era um cubo cuja aresta media vinte côvados. O altar também foi coberto de ouro. O Templo também apresentava enormes átrios (pátios) exteriores.

Reinado de Salomão

Existem diferentes datas para divisão do reino de Israel. Veja isso em Cronologia Bíblica.

Adonias, o filho primogênito de David, proclamou-se pretendente ao Trono e sucessor de seu pai. Segundo os profetas, era da vontade Divina que o sucessor fosse Salomão, filho de David e Bate-Seba. Visto que Salomão não era o herdeiro imediato ao Trono, isso levou a intrigas e conspirações pelos partidários de Adonias. O direito de Salomão ao trono é assegurado mediante ação decidida de sua mãe, do Sumo Sacerdote Zadoque e do profeta Natã, com aprovação do idoso Rei David. Logo que se tornou rei, Salomão eliminou todos os conspiradores e consolidou o seu reinado.

Diferentemente de seu pai, Salomão não se tornou um líder guerreiro, pois isso não foi preciso. Soube manter a grande extensão territorial que herdara de seu pai. Mostrou, de acordo com a tradição judaica, ser um grande governante e um juiz justo e imparcial. Soube habilmente desenvolver o comércio externo e da indústria, as relações diplomáticas com países vizinhos, o que levou a um progresso considerável das cidades israelitas.

Salomão casou com uma filha de Faraó (Anelise) e recebeu como dote de casamento a cidade cananéia de Gezar. Renovou a aliança comercial com Hirão, Rei de Tiro. Ficou conhecido por ter ordenado a construção do Templo de Jerusalém (também conhecido como o Templo de Salomão), no Monte Moriá. Isto ocorreu no seu 4º ano de reinado, exatamente no 480.º ano (479 anos completos mais alguns dias ou meses) após o Êxodo de Israel do Egito. (Os historiadores e exegetas bíblicos consideram esta data como artificial, embora haja alguns biblistas que a consideram uma sincronização autêntica.)

Após isso mandou construir fortes muralhas na cidade de Jerusalém, bem como mandou reconstruir e fortificar diversas cidades (como por exemplo, Megido, Bete-Seã, Hazor...) e construir cidades-armazém.

Salomão organizou uma nova estrutura administrativa, dividindo as terras em 12 distritos administrativos governados por funcionários nomeados diretamente pela administração central. No exército, deu especial importância a cavalaria e aos carros de guerra. Dispunha no porto de Ezion-Geber, no Golfo de Aqaba de uma frota de navios comerciais de longo curso, chamados de "navios de Társis".

Segundo I Reis 11:3, Salomão tinha setecentas esposas e trezentas concubinas, e "suas mulheres lhe perverteram o

coração e o seu coração não era perfeito para com o Jeová seu Deus, como o coração de Davi, seu pai''.

Divisão do Reino

Com a sua morte, Roboão, seu filho, sucedeu-lhe no trono. Em vez de ouvir o conselho sábio dos anciãos das tribos de Israel para aliviar a carga tributária e os trabalhos compulsórios impostos por seu pai, ele mandou aumentá-los. Isso levou à rebelião das tribos setentrionais e à divisão do Reino em dois novos reinos: o Reino de Israel Setentrional (ou Reino das 10 Tribos, tendo como Rei Jeroboão I), e o Israel Meridional (tendo por capital Jerusalém e como rei, Roboão).

Tradição posterior

A tradição posterior imputaria a Salomão grande sabedoria e ao seu reinado o status de época áurea. Ele é considerado dentro da tradição judaico-cristã, como o homem mais sábio que já viveu até então. A Bíblia nos relata que no seu reinado diversos reis e governantes vinham a Israel fazer perguntas e receber conselhos do Rei Salomão, incluindo a rainha de Sabá. Durante os séculos posteriores, diversas obras de outros autores eram imputadas a Salomão, para dar-lhes valor.

História do Bebê

A Salomão é atribuída a famosa história de que duas mulheres foram ao seu palácio. Duas mulheres tiveram filhos juntos, um dos filhos morreu e a mãe do que morreu, pegou a da outra mãe. De manhã, ela percebeu que aquele que tinha morrido não era seu filho e começaram a discutir. Foram até o palácio do Rei Salomão e contaram-lhe a história. Ele mandou chamar um dos guardas e lhe ordenou: "Corte o bebê ao meio e dê um pedaço para cada uma". Falado isso, uma das

mães começou a chorar e disse: "Não, eu prefiro ver meu filho nos braços de outra do que morto nos meus", enquanto a outra disse: "Pra mim é justo". Salomão, reconhecendo a mãe na primeira mulher, mandou que lhe entregassem o filho."

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Salom%C3%A3o>)

[20] *“O livro de Provérbios é um dos livros sapienciais do Antigo Testamento da Bíblia, vem depois do Livro de Salmos e antes de Eclesiastes. Conforme declara a sua introdução, tem como propósito ensinar a alcançar sabedoria, a disciplina e uma vida prudente e a fazer o que é correto, justo e digno. Em suma, ensina a aplicar e fornecer instrução moral.*

Provérbio é uma frase curta, bem construída, que expressa uma verdade adquirida através da experiência e que se impõe pela forma breve e pela agudez das observações. Os provérbios são ensinamentos deduzidos da experiência que o povo tem da vida, e sua finalidade é instruir, esclarecendo situações de perplexidade e fornecendo orientações para a vida humana, como as setas de uma estrada (1,1-7).

O livro todo é um convite para valorizar não só a cultura popular, mas também, e principalmente, a percepção religiosa que o povo tem de uma Sabedoria que vem de Deus e é seu dom aos pequeninos; sabedoria que nem sempre é captada e compreendida pelos sábios e doutores (Mt 11,25).

O título do livro vem originalmente de sua forma hebraica Míshlê Shelomoh ("Provérbios de Salomão"). Como é comum na Bíblia Hebraica, o título hebraico do livro é simplesmente um conjunto de palavras do primeiro verso do livro. Na Septuaginta esse livro se chama Paroimiai, que significa "provérbios, parábolas". O Livro

de Provérbios ocupa o terceiro lugar na ordem dos Hagiógrafos no Cânon Judaico, e foi um dos que foram discutidos no Sínodo de Jamnia. A tendência não era excluí-lo do Cânon Sagrado, mas da leitura pública, na sinagoga. A questão básica girava em torno de Pv. 26.4,5, pois alguns rabinos viam contradições nessas passagens; a conclusão deles é que o primeiro versículo diz respeito à Lei e o segundo fala sobre a vida secular.

Autoria

A autoria do livro de Provérbios não é algo fácil de determinar. Contudo estudiosos apontam que foi Salomão aquele que escreveu a maior parte. Agur e Lemuel contribuíram nas últimas seções.

Por outro lado, a Edição Pastoral da Bíblia sustenta que não foram escritos por um único autor e não pertencem à mesma época. A maioria deles nasceu da experiência popular, que foi depois coletada, burilada e editada por sábios profissionais desde o tempo de Salomão (950 AC) até dois séculos depois do exílio (400 AC). Foram atribuídos ao rei Salomão por causa de sua fama de sábio (1Rs 3-5) mas, quando se observa atentamente os vários subtítulos que aparecem no livro, pode-se facilmente distinguir nove coleções, provindas de tempos e mãos diferentes.

A Bíblia de Jerusalém sustenta que o livro se formou em torno de duas coleções principais "Provérbio de Salomão" (10:1-22:16), com 375 sentenças, e Provérbios de Salomão transcritos de pelos homens de Ezequias" (caps. 25 a 29), com 128 sentenças, precedidos por uma longa introdução (caps. 1 a 9). Além disso duas pequenas coleções (22:17-24:22 e 24:23-24) foram juntadas como apêndices da primeira coleção principal, e três outras pequenas coleções (Palavras de Agur 30:1-14, provérbios numéricos 30:15-33, as palavras de Lamuel 31:1-9) e um

poema alfabético que louva a mulher perfeita 31:10-31 foram juntadas como apêndices da segunda coleção principal.

Os nomes dos dois sábios árabes (Agur e Lemuel) são fictícios e não pertencem a personagens reais, mas atestam o valor que se dava à sabedoria estrangeira.

Pode-se dizer com segurança que os caps. 10 a 29 são anteriores ao Exílio na Babilônia, enquanto que a introdução é posterior ao exílio, provavelmente escrita no séc. V AC.

Nas duas coleções principais predomina uma sabedoria humana e profana que desconcerta o leitor cristão.

Formas literárias

Podemos encontrar diversas formas literárias no livro de provérbios: poemas, pequenas parábolas, lições de vida. Entre as figuras literárias mais comuns, podemos citar as antíteses, as comparações e personificações.

Características adicionais

O livro de Provérbios também é considerado um livro poético, assim como, filosófico, que juntamente com o livro de Jó e Eclesiastes formam os três livros filosóficos da Bíblia. "Todo homem prudente age com base no conhecimento" (Pv. 13.16). O homem sábio é poderoso e quem tem conhecimento aumenta sua força..." (Pv. 24.5, Bíblia Nova Versão Internacional). Outra peculiaridade é o fato do seu conteúdo ser prático, baseado em conceitos da vida cotidiana. Salomão era muito observador, e transformou suas experiências pessoais em conceitos simples para ajudar as gerações futuras nas mais diversas situações da vida cotidiana. Não foi em vão, pois, quando lhe fora dado o direito de pedir qualquer coisa, por Deus, pediu sabedoria... (1Rs 3.1-15)."

(http://pt.wikipedia.org/wiki/Livro_dos_Prov%C3%A9rbios)

[21] *“Os hopis são uma nação indígena dos Estados Unidos da América, que vivem principalmente na Reserva Hopi, no noroeste do estado de Arizona, com 1,5 milhões de acres (6 000 km²), e que está rodeada pela reserva navajo. Alguns hopis vivem na reserva indígena do rio Colorado, no oeste do Arizona (ver Mohave).*

Os hopi estão organizados em clãs e, quando um homem se casa, os filhos ficam membros do clã da mulher. O Clã do Urso é um dos mais conhecidos e Tom Banyanca, membro deste clã, foi escolhido para transmitir ao mundo a profecia hopi (ver abaixo).

Este povo continua a praticar a sua cultura tradicional, num grau mais elevado que a maioria dos outros nativos americanos mas, como acontece com as restantes tribos, eles foram severamente influenciados pelo modo de vida estadunidense.

Tradicionalmente, os hopis eram agricultores bem dotados, apesar de produzirem apenas para a sua subsistência mas, com a chegada da electricidade e a necessidade de terem os restantes produtos de consumo à sua disposição, os hopis adoptaram actividades mais próprias da economia de mercado com muitos dos seus membros trabalhando nas indústrias existentes, mas também vivendo do seu artesanato tradicional. Apesar de terem sido muito influenciados pelo trabalho missionário e terem adoptado, em grande medida, os problemas do consumismo e do alcoolismo, os hopis continuam a manter o núcleo das suas tradições a que a maioria adere. O New York Times relatou que os jovens hopi apreciam o reggae e que há frequentemente concertos desta música na sua reserva.

Aparentemente, os hopis têm uma relação espiritual muito forte com o Tibete e o Dalai Lama visita a sua reserva com frequência. Diz-se que, da primeira vez que ele ali chegou, os velhos hopi o saudaram: "Bem-vindo ao lar". Os hopis consideram-se parentes de todas as raças, mas especialmente dos tibetanos e há uma profecia hopi que diz que o seu povo e os "homens-vestidos-de-vermelho" do outro lado do oceano serão reunidos como irmãos. Por outro lado, uma profecia tibetana diz que "quando o pássaro-de-ferro voar e os cavalos correrem sobre rodas, o povo do Tibete espalhar-se-á pelo mundo e a sabedoria do Buddha chegará aos "peles-vermelhas" do outro lado do oceano".

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hopis>)

[22] *“Os navajos (em navajo: Diné ou Naabeehó) são uma tribo indígena da América do Norte, da família linguística Athapaskan (idioma navajo) e da área cultural Sudoeste. Originalmente, imigraram das áreas do norte e durante o século XVI tornaram-se um povo pastor e caçador. A tribo vive numa reserva no nordeste do Arizona e continua em partes do Novo México e Utah. É uma enorme área que vai desde Grants no Novo México, até o Grand Canyon, no Arizona; de Holbrook, no centro do Arizona até o Rio San Juan, já no Colorado, inclui Monument Valley, parte do Deserto Pintado e parte da Floresta Petrificada.*

De acordo com o censo dos Estados Unidos de 1990, o total de índios navajos era de 220 000, vivendo em 6 milhões de hectares, com um produto interno bruto estimado em 50 milhões de dólares.

Os navajos entraram em conflito com os colonizadores espanhóis e com os mexicanos no fim do século XVIII e começo do século XIX. Seus contatos com os espanhóis foi curto, mas importante, pois introduziram cavalos,

ovinos e caprinos, o que deu grande impulso na economia. Em 1846, os navajos assinaram seu primeiro tratado com o governo dos Estados Unidos, mas alguns conflitos com as tropas do exército, motivados sempre pela ganância levaram às hostilidades em 1849.

Um grande e polêmico conflito se estendeu até 1863, quando o exército, sob o comando de Kit Carson, caçador e explorador do exército (não confundir com o Kit Carson das aventuras de TEX), promoveu uma longa campanha contra os navajos e capturaram oito mil deles, que foram enviados a pé num percurso de cerca de 600 quilômetros para uma reserva em Forte Summer, no Novo México, episódio este que ficou conhecido na história dos navajos como "A Grande Caminhada".

Nesta reserva, a tribo sofreu diversos males, entre doenças e baixas colheitas e ainda foram atacados por outras tribos nativas da região. Um novo tratado foi assinado em 1868 e os sobreviventes foram levados de volta para a antiga reserva, presenteados com ovelhas e gado e aceitaram viver em paz com os colonos americanos. Em 1884, a reserva aumentou de tamanho, para atender à grande nação que se formava.

Durante o começo do século XIX a tribo prosperou, a população dobrou e terras foram adicionadas a reserva para dar condições de vida aos navajos. Durante a II Guerra Mundial, muitos navajos serviram nas forças armadas e isto é motivo de muito orgulho para muitos descendentes deles até os dias de hoje.

O filme Windtalkers (2002) conta como soldados navajos ajudaram os aliados na II Guerra Mundial, desenvolvendo um código de encriptação baseado em sua complexa língua.

Os navajos também ficaram famosos no Mundo dos Quadrinhos, graças ao personagem italiano Tex Willer, criado em 1948 pela dupla Gian Luigi Bonelli e Aurelio Gallepini , que era o chefe branco dos navajos.”

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Navajos>)

[23] *“O povo indígena xavante, autodenominado a'uwe ("gente") ou a'uwẽ uptabi ("gente verdadeira"), pertence linguisticamente à família linguística jê, a qual, por sua vez, pertence ao tronco linguístico macro-jê. Sua língua é chamada akwén ou aquém (também grafada "acuen"). A população xavante soma, atualmente, cerca de 15 000 indivíduos distribuídos em 12 terras indígenas - todas localizadas no leste do estado de Mato Grosso, no Brasil, na Amazônia Legal:*

- *Marãiwatsédé*
- *Marechal Rondon*
- *Sangradouro/Volta Grande (juntamente com índios Bororo)*
- *São Marcos*
- *Areões*
- *Areões I*
- *Areões II*
- *Parabubure*
- *Pimentel Barbosa*
- *Chão Preto*
- *Ubawawe*
- *Wedezé.*

Oito delas estão homologadas e registradas; duas encontram-se em processo de identificação; uma está reservada e registrada e uma está identificada, aprovada mas sujeita a contestação.

Atualmente, a população xavante no Brasil está em crescimento. Em 2009, era de aproximadamente 10 000 pessoas. Em 2010, segundo a Fundação Nacional de Saúde, era de 15 315 pessoas.⁶ Tinham, como atividade predominante até a segunda metade do século XX, a caça, a pesca e a coleta de frutos e palmeiras. Formam, junto com os índios xerentes, um conjunto etnolinguístico conhecido na literatura antropológica como acuen ou aquém, pertencente à família linguística jê, do tronco macro-jê.

Pintam-se com jenipapo, carvão e urucum, tiram as sobrancelhas e os cílios, usam cordinhas nos pulsos e pernas e a gravata cerimonial de algodão. O corte de cabelo e os adornos e pinturas são marcadores de diferença dos xavantes em relação aos outros, transmitida através dos cantos pelos ancestrais e partilhados com todo o povo da aldeia.

Houve tentativas de integração com a sociedade nacional em meados do século XIX, mas optaram por distanciar-se, migrando entre 1830 e 1860 em direção ao atual estado do Mato Grosso, onde viveram sem serem intensivamente assediados até a década de 1930. Na década de 1990, os xavantes tiveram várias experiências novas com os "estrangeiros", como um intercâmbio realizado com a Alemanha, a implementação de um projeto de educação bilíngue e uma parceria musical com a banda de rock Sepultura em seu álbum "Roots".

A região onde vivem hoje tem grande rede hidrográfica formada pelas bacias dos afluentes dos rios Kuluene e Xingu e das Mortes e Araguaia. É dessa região de floresta

tropical, mato e savana, com árvores baixas e altas, que os índios retiram o alimento e os materiais para seus artesanatos, armas, instrumentos musicais e as ocas, dispostas em forma circular. Ali, também buscam caças, frutos, palmeiras e pescados.

Devido à atual ocupação da região pelas culturas da soja e do gado, bem como outras monoculturas agrícolas, o uso de pesticidas e a diminuição das matas, seu modo de vida ligado à caça e à coleta tem mudado bastante. Muitas vezes, a "caça" e a "coleta" são deslocadas da mata para as cidades vizinhas, onde vão adquirir alimento e coisas dos "estrangeiros". Na literatura antropológica, os xavantes são conhecidos principalmente por sua organização social de tipo dualista, ou seja, trata-se de uma sociedade em que a vida e o pensamento de seus membros estão constantemente permeados por um princípio dual, que organiza sua percepção do mundo, da natureza, da sociedade e do próprio cosmos como estando permanentemente divididos em metades opostas e complementares.

Sua tradição tem uma maneira própria de ser transmitida e transformada, através de relatos, rituais e ensinamentos. A escrita é uma necessidade para qual o povo xavante se adaptou, com o intuito de reivindicar seu espaço na sociedade nacional e internacional. Os xavantes têm uma organização supostamente dualista e essa percepção da vida como um todo divide tudo permanentemente em metades opostas e complementares, mas há outras formas de divisão coletiva e organização das relações, como em trios ou quartetos. Esta é a chave da cultura dos xavantes. Existe também a corrida de buriti, denominada de uiwede, uma corrida de revezamento em que duas equipes de gerações diferentes correm cerca de 8 quilômetros, passando um tora de

palmeira de buriti de cerca de 80 kg de um ombro para o outro até chegarem ao pátio da aldeia.

Desde pequenos, os meninos formam grupos de idade semelhante. Quando chega o tempo certo, os mais velhos decidem a entrada no Hö (casa tradicional, especialmente construída numa das extremidades do semicírculo da aldeia, para a reclusão dos wapté durante o período de iniciação para a fase adulta), onde os meninos vão viver reclusos, por cinco anos, até o momento de casar com uma moça escolhida para ele. Antes de os meninos entrarem para o Hö, acontece a cerimônia do Oi'o, em que os meninos demonstram sua coragem, seus medos, sua fraquezas através da luta entre eles.

O ritual de furo de orelha acontece na passagem da adolescência para a vida adulta. Todo menino xavante, de 10 a 18 anos, passa por um período de reclusão de cinco anos na casa dos solteiros, onde o jovem permanece sem contato com a tribo. Nesse período, o jovem fica todo o tempo em uma casa, chamada Hö, onde tem contato apenas com os padrinhos. Ele só deixa a casa para rituais e para atividades fora da aldeia, como caça e pesca.

Após os cinco anos, acontece, na aldeia, uma festa chamada Danhono, onde a orelha dos jovens é furada com um osso de onça-parda. Após o ritual, os jovens passam a ser considerados adultos e voltam ao convívio social com a tribo. Para os xavante, não existe contradição entre absorver elementos "estrangeiros" (como roupas, relógio, comida) e manter viva sua tradição.”

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Xavantes>)

[24] “O pajé é uma pessoa de destaque em certas tribos indígenas, são curandeiros, tidos como portadores de poderes ocultos ou orientadores espirituais.

Segundo o dicionário Aurélio é uma palavra de origem tupi, adotada como termo das disciplinas antropologia e etnologia brasileira que designa o especialista ritual que, nas comunidades indígenas brasileiras, tem a atribuição ou o suposto poder referido e de comunicar-se com as diversas potências e seres não humanos (espírito de animais, de pessoas mortas, etc.) tendo como sinonímia os termos: xamã, mandachuva, benzedor e curandeiro. Outras terminologias se aplicam: caraíbas, paié, pagi, pay, payni, pai.

Assim como os xamãs, podem assumir o papel de médicos, sacerdotes e fazer uso de plantas para fins medicinais ou invocação de entidades. Normalmente, o conhecimento da utilização da planta correta para cada caso ou situação é passado de geração em geração, trazendo assim uma responsabilidade para o pajé da tribo. Alguns índios acreditam que os pajés têm ligações diretas com os deuses, sendo representantes escolhidos pelos deuses para passar a profecia ao povo.”

(<http://pt.wikipedia.org/wiki/Paj%C3%A9>)

